

da
das
ões
foi
as
uas
e o

Um Projeto Para o Futuro Ou o "Aqui e Agora"?

Marilda Teles Maracci Silva
1993

O ponto de partida deste ensaio esta numa questão que coloco como preocupante, cuja reflexão considero necessária para o pesquisador militante: não estaria havendo, por parte de alguns analistas sociais, uma supervalorização dos "novos" sujeitos sociais, numa perspectiva projetiva em consequência da crise de paradigmas que se coloca?

Gostaria de começar a discussão com uma colocação de Eder Sader ao discutir a noção de 'sujeito': "Um traço comum é o fato de a noção de 'sujeito' vir associada a um PROJETO, a partir de uma realidade cujos contornos não estão plenamente dados e em cujo devir o próprio analista PROJETA suas perspectivas e faz suas apostas".(Sader, E.: 1988: p.53). Esta colocação cabe tanto ao não reconhecimento da importância das manifestações na esfera micro-social, quanto às supervalorizações dos 'sujeitos coletivos', o que revela, ao meu ver, uma projeção destes analistas, de seus projetos revolucionários, colocando os trabalhadores numa relação de sujeição ao imaginário acadêmico, conforme foi colocado por Sader (1984). Arrisco a dizer que pode-se considerar "normal" essa "torcida" quando se faz a opção pela luta popular, procurando sempre encontrar na realidade uma luz que conduza à realização da utopia revolucionária.

A ruptura estrutural, a mudança abrupta através da revolução socialista, tem sido o grande projeto idealizado pela esquerda no mundo. A partir daí, o entendimento da realidade, pelos cientistas sociais marxistas, tem sido orientada pelos paradigmas e esquemas conceituais construídos pela lógica do projeto socialista. O pensamento hegemônico que tem comparecido dentro da esquerda é o da aceleração das contradições, pois o socialismo é dado como certo, pois o germe da destruição do capitalismo o corrói desde o seu advento. Claro que não podemos nos esquecer das correntes que faziam e fazem avaliações considerando que as condições objetivas para a revolução socialista estavam ou estão dadas, levando-as a equívocos, como por exemplo, o da Intentona Comunista. Mas de qualquer forma, apesar do caráter imediato destas avaliações, a questão colocada envolvia um projeto de sociedade e a aplicação dele dependia de uma ruptura estrutural nas relações de produção. Essa ideologia alimentou todo um esquema de luta com o objetivo classista de tomada do poder das mãos da classe dominante, da classe burguesa.

A partir daí, toda uma gama de contradições se fizeram comparecer neste processo de luta revolucionária. O conceito marxista de "alienação", qual seja, a de que o homem está alienado da natureza, da sua espécie e dos homens; ou ainda, a de que "estar alienado significa a perda de controle pelo homem sobre o produto de sua atividade física e mental, perda da

possibilidade de livre escolha de um trabalho criativo; redução de todas as ricas formas vitais à mera satisfação da necessidade artificial da posse de objetos; alienação dos outros homens e, em conseqüência, relação de exploração, inveja, e ódio, em lugar de confiança e solidariedade mútua" (Karnner, H.: 1987; p.22); este conceito de alienação, no meu entendimento, é o princípio que tem levado a ação da esquerda à uma postura de vanguarda, à uma postura de "condução das massas". E ainda, a visão economicista das relações sociais, dicotomizando a realidade em infra e supra estruturas, numa relação de determinação da primeira sobre a segunda. Este esquema acabou produzindo uma subvalorização das manifestações sociais que tivessem um caráter supraestrutural nas suas reivindicações (meros movimentos reivindicativos, reacionários portanto), ou seja, um caráter de ausência de um projeto libertário classista. Assim, ficaram à margem do campo de ação da esquerda os movimentos das minorias, os ecológicos, os feministas, etc., comprometendo a democracia.

Isso tudo se configura dentro de um contexto histórico mundial cujo marco é a revolução socialista de outubro de 1917, na Rússia. O mundo pós-revolução de outubro de 1917 assistiu a uma bipolarização ideológica, que se configura numa geopolítica de disputa de territórios e de hegemonia no mundo. Assiste-se então a uma divisão do planeta em mundo capitalista e mundo socialista. Nesse contexto, diante da ameaça comunista, os capitalistas direcionaram todos os seus esforços, tanto ao nível do belicismo, quanto das relações políticas internacionais, da produção de ciência e de tecnologias, de ideologias, etc. Afinal, um terço da população mundial estava subordinada ao socialismo real". Sendo assim, a política se configurou em conseqüências da revolução de outubro na Rússia.

Para a esquerda, a Revolução de outubro significava a primeira fase da revolução socialista mundial. Lenin e os bolcheviques acreditam nisso. Stalin não era partidário dessa idéias preferiu orientar sua Política na cautela e na defensiva.

Esse quadro mundial orientou, portanto, as ações da direita e da esquerda no planeta.

Já na década de 50, começa a desintegração do movimento comunista internacional. A Hungria em 56, Checoslováquia em 68, a Polônia em 70, são sinais das divisões da esquerda no mundo, caracterizadas de um lado, pela crítica ao stalinismo, e de outro, pela manutenção deste. Os vários grupos de esquerda, não ligados ao esquema de Moscou reivindicavam a volta do marxismo-leninismo original. As 57 variedades de trotskistas, maoistas, marxistas revolucionários, neo-esquerdistas e outros, não conseguiram alcançar seus objetivos. Do mesmo modo não se conseguiu exportar a revolução cubana (década de 60). O mundo continuava pois, dividido em 2 campos. Os Partidos Comunistas com apoio popular eram apenas 3: o italiano, o da África do Sul, e o indiano (Hobsbawn; 1990; p.2).

Enquanto do lado do capitalismo, nos anos 70 e 80, assiste-se a uma nova fase tecnológica, a uma economia transnacional, a uma nova divisão de produção internacional, a esperança era de que as contradições internas e internacionais tornassem o capitalismo

ais vulnerável a ponto de possibilitar que a esquerda socialista entrasse com seu projeto
s e. alternativo.

ide Mas, apesar das conquistas que a população obteve no socialismo real as "falhas"
: o do regime não puderam ser evitadas: a incapacidade de entrar completamente em uma
de economia de alta tecnologia; a impossibilidade de isolar a população das informações sobre o
o a mundo capitalista; a diminuição da taxa de crescimento no socialismo soviético tornando-se
a cada vez menos competitivo (Hobsbawn; 1990, p.7), e ainda a própria característica
que impositiva da implantação do regime socialista nos países do leste europeu, bem como a
tos ausência de participação da população na construção do socialismo. Diante de tantas
eto contradições, a esquerda se divide configurando-se uma grande crise dentro dela. A queda do
tos muro de Berlim e as mudanças no leste europeu (1989) são na verdade o desaguar de todo este
é a processo de questionamento do modelo socialista realmente existente. Processo este que
de coloca em discussão os paradigmas que até então orientaram teorias e práticas voltadas para a
de transformação da sociedade.

de

ido **Surgem os "Novos" Movimentos Sociais**

itas

cas As contradições internas dos partidos de esquerda, da igreja, dos sindicatos,
rço produzindo resultados que se traduzem em afastamentos destes em relação à população, bem
se como a própria descrença desta em relação às organizações políticas tradicionais, são fatores
que têm explicado o surgimento destes "novos movimentos sociais, principalmente na
ção América Latina, e que vão chamar a atenção dos analistas por trazerem consigo o novo em
ssa termos de sujeito, lugar e formas de ação. Além desta descrença nas organizações políticas
tradicionais, ocorre também que, conforme apontam alguns pesquisadores, "os movimentos
no populares surgiram, como uma forma de organização alternativa ao fechamento dos espaços
aos partidos políticos e aos sindicatos, tanto na América Latina como em parte da Europa
ista (Rodrigues, A.M., p.7). E ainda no bojo destas manifestações "ganha importância a idéia de
das não querer adiar para um futuro distante o sonho de uma sociedade livre e humana, mas tratar
de de realizá-la na prática da luta cotidiana pela sobrevivência" (Karner; 1987; p.20). Estes
de movimentos, portanto, possuem características novas, tais como: uma prática sem a
de designação de teorias prévias; são portadores de um sujeito coletivo e descentralizado, um
am novo sujeito social; são sujeitos que partem para a defesa da autonomia dos movimentos,
ana tendendo a romper com a tradição sócio-política da tutela e da cooptação, criando assim,
stas novos lugares para o exercício da política"(Chauí, M., prefaciando Sader; 1988; p.11).

wn: O surgimentos, portanto, deste Sujeito coletivo que, em Sader indica "uma
coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus
base membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se
il. a nessas lutas", o surgimento deste sujeito provoca, nos analistas sociais, a necessidade de um
mo deslocamento do foco de análise. Mudam-se os óculos. E é neste deslocamento que

encontramos, ao que me parece, sintomas de ufanismo. Surgem "novos" discursos anunciando o "fim das lutas de classes" e a "morte do marxismo" como referenciais de análise.

Coraggio aprofunda esta análise em "Pesquisa urbana e projeto popular". Em suas considerações críticas sobre o desenvolvimento da pesquisa urbana e, pensando a partir da perspectiva de um projeto popular, o autor aponta uma série do que ele chama de "giros de 180 graus" presentes nas "hipóteses centrais, nas propostas de ação e inclusive nos métodos de pesquisa". São eles: do Estado-governo à sociedade civil; da análise dos processos macrossociais aos micro processos e seus agentes personalizados; da defesa da planificação ao espontaneísmo (e ao mercado); das generalidades e abstrações ao enfoque das múltiplas situações particulares; da valorização da produção de teorias científicas à glorificação do saber popular; da determinação em última instância (a busca das estruturas e das essências da sociedade) à multiplicidade de fatores; da utopia socialista, subjacente ao paradigma da planificação, a democracia ou; do projeto nacional à vida cotidiana. São dificuldades que, segundo o autor, comprometem a objetividade da produção de conhecimento sobre um sujeito que não é inimigo, mas o próprio sujeito da nossa pesquisa, o que torna difícil investigá-lo criticamente.

O fato é que os "novos" movimentos sociais surgiram aí, explicitando-se, instigando-nos a nos debruçarmos sobre eles. Karner nos diz que "tratar de esclarecer a problemática dos movimentos sociais, investigar seu desenvolvimento e possíveis efeitos significa quase inevitavelmente o abandono da teoria política tradicional e sair em busca de uma nova concepção política'. No meu entendimento, isto significa uma postura de abertura no sentido de admitir um amplo espectro de possibilidades. Significa não se fechar em dogmas. A compreensão disso, possibilita avanços. E é justamente isso, essa predisposição em escapar aos dogmas, que me faz refletir sobre os cuidados que devemos ter enquanto pesquisadores.

Considero que alguns estudiosos (dos que pude ter contato) vêm fazendo um esforço neste sentido. A citação de Castoriadis que Sader faz em seu trabalho "Quando novos personagens entraram em cena"(1988;p.56), ao discutir o SUJEITO, ilustra o que acaba de ser colocado: "O sujeito é também atividade, mas a atividade é atividade sobre alguma coisa, do contrário ela não é nada. Ela é pois co-determinada por aquilo que ela se dá como objeto". Sendo assim, as manifestações populares em movimentos são resultantes de condições objetivas dadas historicamente e a forma como esses movimentos expressam as contradições do mundo objetivo se dá no campo da subjetividade. Nas palavras de Sader, "há, pois, uma inerência recíproca de sujeito e objeto na própria constituição do sujeito. Nessa concepção, sujeito autônomo não é aquele (pura criação voluntarista) que seria livre de todas as determinações externas, mas aquela que é capaz de reelaborá-las em função daquilo que define sua vontade. Se a noção de sujeito esta associada à possibilidade de autonomia, é pela dimensão do imaginário como capacidade de dar-se algo daquilo que está dado" (Sader, E.: 1988; p.56). O sujeito está, pois, inserido nas relações sociais, políticas e econômicas nas quais

do ele se constitui, por isso, atribuir-lhe autonomia enquanto um processo que elimina o "discurso do outro", ou ainda, como um processo cujo Consciente absorva e esgote o Inconsciente, pode nos remeter às complicações levantadas por Coraggio quando se refere aos giros de 180 graus nas pesquisas das ciências sociais.

de A proposta de Coraggio é a da globalidade como objetivo de uma pesquisa participativa: "Tratar-se-ia de trazer explicações e interpretações que permitam vincular a vida cotidiana (objeto privilegiado da segunda época de pesquisa) e as múltiplas mediações que ligam as situações particulares, com os processos globais de uma ordem não experimentável diretamente. Sem essa visão global (objeto privilegiado da primeira Época de pesquisa), as possibilidades de contribuir à constituição de um sujeito popular e à transformação da sociedade sob sua hegemonia seriam mínimas (...)" (Coraggio: p.34).

da Está colocado, portanto, um grande desafio: o da articulação e da busca de unidades que estão presentes tanto numa abordagem como na outra. Coraggio pode estar com a razão.

á-lo De qualquer maneira, este ensaio é um exercício de reflexão teórica e de algumas leituras, cuja escolha do tema atende a um chamado intuitivo. Há muito o que entender/fazer, afinal, como bem disse Tilman Evers "nós somos os novos movimentos sociais".

er a
itos

1 de **Bibliografia**

- tura
em CORAGGIO, J.L. - **Pesquisa urbana e projeto popular**. Espaço e Debates n.26, 1989.
ção EVERS, T. - **Identidade - A face oculta dos movimentos sociais**. Cebrap n.4, 1984
anto KARNER, H. - **Movimentos Sociais: revolução no cotidiano**. In: Varren, Ilse Scherer. **Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América do Sul**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.1934.
um
vos HOBBSBAWN, E. - **Adeus a tudo isto**. In: **Marxism today**, 1990.
: ser RODRIGUEZ, A.M. - **Cidade e movimentos sociais: algumas reflexões sobre questões conceituais**. Unicamp-sociologia-IFCH texto mimeografado
do
:to". SADER, E. - **Quando novos personagens entraram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1988.
ções
ções SILVA, A.A. - **A luta pelos direitos urbanos: novas representações de cidade e cidadania**. **Espaço e Debates**, X(30), 1990.
uma
ção.

s as
que
pela
, E.
uais